



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE GEOGRAFIA**

VANUSA MARIA DE LIMA SILVA MELO

**A GEOGRAFIA NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL:
ESCRITA DE SI EM UMA NARRATIVA DOCENTE**

**CAMPINA GRANDE
2017**

VANUSA MARIA DE LIMA SILVA MELO

**A GEOGRAFIA NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL:
ESCRITA DE SI EM UMA NARRATIVA DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Programa de Graduação em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em Geografia.

Área de concentração: Ensino de Geografia.

Orientadora: Prof. Me. Angélica Mara de Lima Dias

**CAMPINA GRANDE
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M528g Melo, Vanusa Maria de Lima Silva.
A geografia no 6º ano do ensino fundamental: escrita de si em uma narrativa docente [manuscrito] / Vanusa Maria de Lima Silva Melo. - 2017.
46 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Profa. Ma. Angélica Mara de Lima Dias, Departamento de Geografia - CEDUC."

1. Ensino de geografia. 2. Autobiografia. 3. Ensino fundamental.

21. ed. CDD 372.89

VANUSA MARIA DE LIMA SILVA MELO

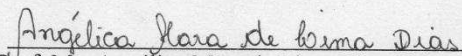
**A GEOGRAFIA NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL:
ESCRITA DE SI EM UMA NARRATIVA DOCENTE**

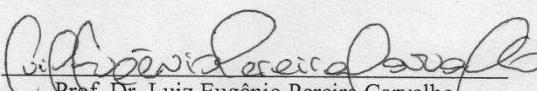
Trabalho de Conclusão de Curso apresentada
ao Programa de Graduação em Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
licenciatura em Geografia.

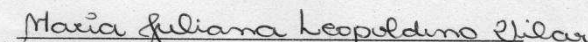
Área de concentração: Ensino de Geografia.

Aprovada em: 13/12/2021.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. Angélica Mara de Lima Dias (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Luiz Eugênio Pereira Carvalho
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)


Prof. Me. Maria Juliana Leopoldino Vilar
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À Deus, que sempre me acompanha em todos os segundos da minha vida, ao meu avô Redoval (*in memoriam*) e a minha mãe Jeane, pela dedicação, companheirismo amizade e motivação em todos os momentos, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a *Deus* pela força em todos os momentos difíceis da minha vida acadêmica e por sempre me ajudar a superar cada obstáculo encontrado em meu caminho.

Ao meu avô *Redoval Paulo (in memoriam)*, embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força.

A minha mãe, *Jeane de Lima*, e outros *familiares* pelos conselhos que me impulsionaram a continuar a caminhada, pela companhia nos momentos mais difíceis e pelo verdadeiro amor dedicado a mim.

A professora *Angélica Mara* pelas leituras sugeridas e por toda paciência, dedicação e competência com que me acompanhou ao longo dessa orientação.

Aos *professores* da UEPB por todo empenho e dedicação ao longo desses árduos anos de curso.

Aos meus *amigos e companheiros* em especial *Junior Paulo e Nathalia Rocha*, os quais sempre torceram por mim, pelos momentos de aprendizagem constante e pela amizade solidificada, ao longo desta caminhada e da vida, que, certamente se eternizará.

A toda equipe *coordenadora* e de *funcionários* do curso de Geografia da UEPB pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

A toda a equipe de *alunos e funcionários* da escola *Antônio Trovão de Melo* pela ajuda prestada e pelas opiniões que me auxiliaram na edição e no desenvolvimento dessa pesquisa.

Enfim, todos que de forma direta ou indiretamente contribuíram na construção deste trabalho.

"Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo".
Paulo Freire.

RESUMO

A Geografia passou por diversas mudanças ao longo de sua consolidação como disciplina escolar e hoje apresenta-se como uma disciplina fundamental na formação cidadã do estudante e o professor é o principal, mas não o único, responsável por esse processo de desenvolvimento do aluno. O presente trabalho refere-se a uma investigação da própria prática, como o objetivo de ponderar sobre o ensino de Geografia no 6º ano do fundamental da Escola Municipal Antônio Trovão de Melo e ao mesmo tempo fazer uma análise da minha prática como professora regente da turma supracitada. Para tanto, foi adotado o método narrativo como metodologia de pesquisa, já que este permite refletir sobre as experiências vividas. Esta pesquisa fundamentou-se em uma investigação bibliográfica em diversos autores a fim de refletir o processo evolutivo da Geografia escolar e seu papel nos anos finais do fundamental, com ênfase no 6º ano. Para a aquisição do resultado foram aplicados questionários para os alunos através dos quais pude analisar a importância dada por eles ao estudo de Geografia. Posteriormente apresento uma discussão sobre os desafios proporcionados pelo cotidiano escolar e as dificuldades que fazem parte do processo de ensino e aprendizagem desta disciplina. Este estudo possibilitou uma autorreflexão através da qual pude rever minhas práticas pedagógicas e a minha postura em sala de aula e o quanto estes e outros fatores influenciam no processo de ensino e aprendizagem de Geografia.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Autobiografia; Ensino fundamental.

ABSTRACT

Geography has undergone several changes throughout its consolidation as a school subject and today it is presented as a fundamental subject in the student's citizen education and the teacher is the main, but not the only, person responsible for this process of student development. This work refers to an investigation of the practice itself, as the objective of pondering the teaching of Geography in the 6th year of the Antônio Trovão de Melo Municipal School and at the same time make an analysis of my practice as teacher, regent of the above group. For that, the narrative method was adopted as a research methodology, since it allows to reflect on these experiences. This research was based on a bibliographical research of several authors in order to reflect on the evolutionary process of school geography and its role in the final years of the basic education, with emphasis on the 6th year. For the acquisition of the result, questionnaires were applied with the students, through which I could analyze the importance given by them to the study of Geography. Later, I present a discussion about the challenges posed by everyday school life and the difficulties that are part of the teaching and learning process of this discipline. This study allowed for self-reflection through which I was able to review my pedagogical practices and my posture in the classroom and how these and other factors influence the process of teaching and learning Geography.

Keywords: Geography Teaching; Autobiography, Elementary School.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Fachada da Escola	28
Figura 2 - Entrada da Escola	29
Figura 3 - Interior da Escola	29
Figura 4 - Interior da Escola	29
Figura 5 - Turma do 6° da Escola Antônio Trovão	30

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Você Gosta da Disciplina Geografia?	30
Gráfico 2 - Você considera a Geografia importante na sua formação escola	32

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Alternativa que melhor se encaixa com o principal objetivo da Geografia segundo os alunos.	33
Tabela 2 - Opinião dos alunos quanto ao tratamento que o professor dá aos conteúdos de Geografia na sala de aula.	34

SUMÁRIO

1 PRA INÍCIO DE CONVERSA	13
1.1 O INTERESSE PELA PESQUISA	13
1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ESTRUTURA DO TEXTO	15
2 UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES DA GEOGRAFIA ESCOLAR NO BRASIL	17
2.1 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA GEOGRAFIA COMO DISCIPLINA ESCOLAR: UM BREVE RELATO	17
2.2 RENOVAÇÕES NO ENSINO DE GEOGRAFIA: A NECESSIDADE DE ROMPER COM PRÁTICAS TRADICIONAIS	20
3 UM OLHAR A CERCA DA GEOGRAFIA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	24
3.1 A GEOGRAFIA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	24
3.2 O PAPEL DA GEOGRAFIA NO 6º ANO	26
4 DIAGNÓSTICO DO ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA ANTÔNIO TROVÃO DE MELO	28
4.1 LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	28
4.2 ANÁLISE DA OPINIÃO DOS ALUNOS EM RELAÇÃO AO ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA ANTÔNIO TROVÃO DE MELO	30
4.3 ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA, COMO PROFESSORA REGENTE, DESENVOLVIDA JUNTO A ESCOLA MUNICIPAL ANTÔNIO TROVÃO DE MELO	35
5 CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS	41

1 PARA INÍCIO DE CONVERSA

1.1 O INTERESSE PELA PESQUISA

O ensino de Geografia vem sofrendo importantes mudanças ao longo de sua história. A transição do século XX para o século XXI representou um período de renovação da disciplina, que cada vez mais “[...] tem procurado pensar seu papel nessa sociedade em mudança, indicando novos conteúdos, reafirmando outros, questionando os métodos convencionais postulando novos” (CAVALCANTI, 2002, p.11), essa mudança pode ser atribuída a diversos fatores, dentre os quais as transformações ocorridas na própria sociedade. Essa realidade demanda novas habilidades por parte das escolas e de seus professores. Neste contexto, Pontuschka, Paganelli & Cacete (2009, p. 38) defendem que:

A Geografia, como disciplina escolar, oferece sua contribuição para que alunos e professores enriqueçam suas representações sociais e seu conhecimento sobre as múltiplas dimensões da realidade social, natural e histórica, entendendo melhor o mundo em seu processo ininterrupto de transformação.

Como visto, o mundo contemporâneo está cada vez mais complexo o que torna essa disciplina indispensável na formação de cidadãos conscientes e atuantes capazes de compreender a realidade que os cerca, segundo Santos (1999, p. 4) “[...] a Geografia é uma disciplina deste século (sic) e a globalização trouxe o fortalecimento do discurso geográfico. Para explicar o mundo, o país, o lugar, é preciso beber sua raiz no mundo tal qual ele é”.

Ao adentrar no curso de Geografia não percebi o grande desafio colocado à minha frente, apenas quando iniciei a minha atuação como professora, compreendi a complexidade de ensinar uma disciplina com tanto poder de formação social, e a dificuldade de encontrar recursos que o auxiliem neste processo de ensino e aprendizagem. Seguindo essa perspectiva, Kimura afirma que:

Como é sempre o professor o mediador do conhecimento a ser desenvolvido nas escolas, cabe-lhes trabalhar com desafios como: o que e de que maneira ensinar? Que dizer, estando no cerne do ato educacional o fazer-pensar do professor e do aluno, o ensinar-aprender adquire uma importância fundamental (2008, p. 81).

Ser educador é sinônimo de compromisso, responsabilidade e, principalmente, desafio quando se trata de contribuir com o desenvolvimento das capacidades intelectuais do educando. Como docente devemos, além de tudo, ter conhecimento e criatividade para transformar nossas aulas em um lugar de construção e reconstrução de conhecimentos através do uso técnicas criativas que proporcionem aos alunos uma aprendizagem de qualidade. Para

isto, é fundamental que contextualizemos as informações cotidianas ao ensinar, que os conteúdos contemplem as experiências do estudante, pois o saber vivido do aluno vai auxiliar na construção do conhecimento e na formulação de conceitos. Sobre isso, as autoras Pontuschka, Paganelli & Cacete afirmam que:

O trabalho em sala de aula precisa permitir ao aluno a compreensão do espaço geográfico. Para tanto, há necessidade de um diálogo permanente com o próprio espaço para que o aluno amplie sua visão de mundo, conheça e reconheça seu papel na sociedade tecnológica e computacional em uma economia e cultura mundializadas (2009, p. 23).

Entretanto, as práticas educacionais não se restringem apenas ao professor dentro da sala de aula, os aspectos físicos e políticos da escola também desempenham o papel da gestão organizadora e auxilia o controle do processo de ensino e aprendizagem. Sobre isto, Kimura (2008, p.20) afirma que “a existência e o conseqüente acesso a condições de infraestrutura são considerados pelos próprios professores das escolas como um aspecto dotado de importância fundamental para o desenvolvimento de seu trabalho”. Ou seja, não basta uma escola possuir bons professores e não dispor de uma estrutura adequada ao trabalho e vice-versa, é necessário que haja este conjunto para um melhor desenvolvimento do aluno, como afirmam Sátyro e Soares:

A infraestrutura escolar pode exercer influência significativa sobre a qualidade da educação. Prédios e instalações adequadas, existência de biblioteca escolar, espaços esportivos e laboratórios, acesso a livros didáticos, materiais de leitura e pedagógicos, relação adequada entre o número de alunos e o professor na sala de aula e maior tempo efetivo de aula, por exemplo, possivelmente melhorem o desempenho dos alunos (2007, p. 07).

Posto isto, pude perceber que todos os fatores de uma instituição escolar interferem no processo de ensino e aprendizagem e compreender a importância e a necessidade de sempre fazermos uma análise de nossa prática pedagógica para que possamos renovar nossos métodos em busca de melhorarmos a qualidade do ensino. Com base em tudo isto, surgiu o interesse por esta pesquisa que ocorreu a partir das observações, vivências e experiências realizadas em 2016 no 6º ano da Escola Municipal Antônio Trovão de Melo, onde atuo como docente desde 2013, localizada no município de Caturité-PB. A escolha desta turma especificamente fez-se em razão da minha dificuldade em trabalhar com essa série, uma vez que o 6º ano é um período de transição para o qual nem sempre os alunos, a escola, e os professores estão preparados.

1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ESTRUTURA DO TEXTO

Para compreender o processo de construção e reconstrução do conhecimento na disciplina de Geografia no 6º ano da escola Antônio Trovão, a metodologia utilizada nesta pesquisa é a autobiográfica, a escolha desta se deu em função da necessidade de apresentar a análise não só da percepção dos alunos, mas também do meu fazer pedagógico, das minhas práticas já que, como professora-formadora da turma analisada, faço parte desse processo de aprendizagem e como afirma Freitas (2002), “o pesquisador é parte integrante da pesquisa”, sendo assim, a utilização da metodologia narrativa ou autobiográfica se mostra particularmente eficaz, nesta pesquisa, já que tenho relação direta com objeto de estudo.

Através desta metodologia pude perceber que narrar minhas próprias experiências, gerou um conhecimento muito maior sobre o meu fazer pedagógico, sobre o meu cotidiano escolar e até mesmo sobre os outros. Isso demonstra que as experiências vividas, quando sistematizadas, podem contribuir para que o professor se torne investigador de sua própria prática, como afirma Cunha (1997, p.3), “trabalhar com as narrativas tem o propósito de fazer a pessoa tornar-se visível para ela mesma” provocando “mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros”. Nesta perspectiva, Bahia (2017, p. 179) afirma que as narrativas:

[...]acenam para a possibilidade do resgate da identidade docente e, também, como um processo necessário não só para o fortalecimento do eu individual-profissional-coletivo, mas, especialmente, para a compreensão e o enfrentamento do cotidiano profissional que, por vezes, faz parte de um contexto conturbado, complexo e contraditório, que muitos profissionais da área da educação vivenciam.

Em outras palavras narrar às próprias experiências tem papel relevante e permite ao sujeito apresentar-se não só como crítico, reflexivo, mas como parte da pesquisa além de possibilitar um autoconhecimento e conseqüentemente uma transformação ou reelaboração de sua prática pedagógica.

Para narrar tal prática, tracei um panorama a respeito do ensino de Geografia com foco nas séries finais do fundamental, através de uma revisão bibliográfica. Reuni dados com os alunos, do 6º ano da referida escola, nos quais procurei identificar sua relação com a Geografia, comigo - como professora da disciplina em questão - e principalmente a importância, dada por eles, ao estudo desta disciplina e qual a maior dificuldade em aprendê-la, apresentando minha visão como professora regente, dando ênfase às principais

dificuldades encontradas no desempenhar do meu papel nesse processo de ensino-aprendizagem.

Para tanto, este trabalho foi estruturado nos seguintes capítulos: o primeiro tem como título “*Uma breve reflexão sobre as transformações da Geografia escolar no Brasil*” no qual abordo partes da trajetória da Geografia no Brasil destacando suas transformações e algumas reformas durante os anos que transcorreram.

No segundo capítulo busco aprofundar as discussões do ensino de Geografia nos anos finais do Ensino Fundamental, com enfoque no 6º ano, levando em consideração os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do terceiro ciclo de Geografia e vislumbrando a relevância do ensino dessa disciplina na formação crítica e reflexiva do aluno possibilitando-o perceber-se como sujeito nas relações com espaço geográfico.

No terceiro capítulo apresento a caracterização geral da escola, no qual relato um pouco como é este espaço em que o estudo foi realizado sendo de modo descritivo e ilustrativo. Neste também exponho a pesquisa empírica realizada com os alunos escutando o que eles têm a dizer acerca do ensino de Geografia na escola estudada, o qual se desenvolveu por intermédios de questionários e resultou na construção de tabelas e gráficos. Por fim, apresento minha visão como professora regente, as principais práticas pedagógicas utilizadas ao longo do ano e os principais desafios que enfrentei como docente.

2 UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES DA GEOGRAFIA ESCOLAR NO BRASIL

A Geografia vem sofrendo importantes mudanças ao longo de sua história, o mundo contemporâneo vem se tornando cada vez mais complexo o que interfere também no ensino desta ciência. Sendo assim, para entendermos de que forma essa disciplina é ensinada nas escolas brasileiras, e como seu currículo foi construído ao longo do tempo é necessário fazermos um breve resgate de sua história, procurando compreender a sua configuração em diferentes momentos históricos no âmbito escolar. Neste capítulo abordo partes da trajetória histórica da Geografia escolar brasileira e alguns dos principais processos de renovações sofridos por essa especialidade ao longo do tempo.

2.1 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA GEOGRAFIA COMO DISCIPLINA ESCOLAR: UM BREVE RELATO

O surgimento da Geografia enquanto disciplina científica convalidada pela instituição escolar se deu no século XIX na Alemanha numa tentativa de atender a necessidade do capitalismo que estava se fortalecendo. Como nos mostra Moreira (2005, p. 14) “a geografia científica, tal como hoje é conhecida e popularizada a partir da escola, nasceu no período de 150 anos que se estende a partir de 1750. Mas é filha, sobretudo do século XIX. Nasce entre os alemães Kant, Humboldt, Ritter e Ratzel, entre os mais proeminentes”. Esta passou a ter historicamente um movimento que lhe permitiu evoluir na interpretação dos fenômenos espaciais.

No Brasil o ensino de Geografia tem início no período colonial pelos jesuítas, porém ensinada sem distinção das demais ciências, tendo como objetivos a educação dos colonos e índios. Apenas no século XIX, através do Colégio Pedro II, localizado na cidade do Rio de Janeiro, a Geografia tornou-se uma disciplina independente e começa a adquirir maior importância na educação formal existente no país. No entanto, seu estudo nada mais era que parte dos estudos necessários aos exames preparatórios para a admissão nas faculdades de Direito. Entretanto a inserção da disciplina no colégio, que era tido como referência oficial de educação no país, foi de extrema importância para a propagação da disciplina pelas demais escolas existentes, como afirma Ribeiro:

[...] em 1837, por meio do Decreto de 2 de dezembro do mesmo ano, que a Geografia surge como disciplina autônoma no currículo escolar brasileiro. A criação visava não apenas dotar a Corte de uma instituição de ensino secundário organizada, diante da desordem presente em todas as partes do Império do Brasil, mas, também, tinha como objetivo servir de modelo, padrão de excelência e de educação, que deveria ser seguido pelas demais escolas brasileiras (2011, p. 823).

Neste período a disciplina ensinada nas escolas era uma mera reprodução da Geografia francesa voltada, segundo Cavalcanti (1998, p. 18), para a “transmissão de dados e informações gerais sobre os territórios do mundo em geral e dos países em particular” e como afirma Rocha (1996, p. 178) caracterizada como sendo uma “Geografia descritiva, mneomônica, enciclopédica [...]” a chamada Geografia Clássica.

No início do século XX com a intensificação do processo de urbanização e o aumento na demanda social por educação, surgiu à necessidade de uma nova proposta de ensino, como afirma Rocha (2000, p. 02):

À medida que a estrutura até então hegemônica começou a ruir, o sistema educacional brasileiro foi sendo objeto de gradativas mudanças. O modelo agroexportador em franca decadência vai dando lugar a um modelo econômico urbano-industrial. A intensificação do processo de urbanização, decorrente do modelo econômico emergente, foi gerando novas e crescentes demandas de mão-de-obra especializada para ocupar as funções que os setores secundário e terciário estavam a exigir. A demanda social de educação amplia-se rapidamente e o sistema escolar se vê pressionado a expandir-se, à medida que um contingente cada vez maior de pessoas dos estratos médios e mesmo das camadas populares buscavam a escola a fim de ampliarem suas possibilidades de ascensão social. Concomitantemente a este estado de transformações mais aceleradas, tem início um processo de repensar a educação brasileira [...].

Esse período foi de grande seriedade para o processo de renovação do ensino de Geografia, como afirma Pessoa (2007, p. 43):

[...]a segunda década do século XX significou para a geografia escolar um momento de importantes transformações. Em contestação ao modelo até então vigente, baseado nas prerrogativas de um ensino tradicional, manifesta-se de maneira verossímil propostas inovadoras para o ensino desta disciplina.

Essa nova realidade social desperta na Geografia uma necessidade de renovação, tendo em vista a indigência de atender a esse novo contexto da sociedade, no qual o centro de suas atenções passa a ser, como afirma Gebran (1990, p. 59), “as relações entre a sociedade, o trabalho e a natureza na produção do espaço”, dando início assim ao período da chamada Geografia Moderna que permanece até a década de 1970.

Já na segunda metade do século XX com o regime militar que se instalou no Brasil a Geografia enfrentou sua substituição pela disciplina de Estudos Sociais, uma tentativa de unificar a Geografia e a História, entretanto essa disciplina não perdurou, o declínio do regime militar, na década de 1980, inicia um novo momento no ensino de Geografia que volta a fazer parte do currículo do ensino básico.

Esse momento de reintegração da Geografia como disciplina independente foi de grande importância para o progresso de seu ensino. Segundo Pessoa (2007, p. 61), neste período começa a tomar força no país as “correntes críticas mais comprometidas com mudanças e propostas de transformações sociais, que passam a alvitrar uma geografia mais atuante, ou seja, que possa oferecer instrumentos para a percepção e interferência nas mais diversas realidades sociais” tem início no Brasil o período da chamada Geografia Crítica, uma corrente bem diferente das apresentadas anteriormente onde, como afirma Pessoa (2007, p. 62, grifo meu), “pela primeira vez na história desta ciência temas sociais e políticos marcados pela perspectiva crítica deixam de ser tratados apenas episodicamente e **passam a ser** tratados de forma sistemática e constante”.

Diante de tudo que foi apresentado é possível perceber que a Geografia avançou significativamente com mudanças inovadoras e hoje se apresenta como uma disciplina marcante, que permite ao homem compreender melhor o planeta em que vive contribuindo assim para a formação de um cidadão crítico, nessa perspectiva Almeida (1999, p. 83) afirma que a Geografia tem por finalidade:

[...] munir os alunos de conhecimento que lhes permitam agir de modo mais lúcido ao tratar das questões que têm a ver com a ocupação e gestão do espaço em diferentes níveis. O ensino de Geografia tem portanto, papel decisivo na formação para a cidadania.

Posto isto, que o ensino de Geografia é fundamental para a formação de um ser crítico, participante, ativo e construtor do meio em que vive o que torna o processo de ensino e aprendizagem desta disciplina um grande desafio. É fato, que a Geografia só ganhou esse papel de importância graças aos avanços pelo qual esta ciência passou e vem passando ao longo de sua história, entretanto, está longe de atingir uma condição adequada para o seu desenvolvimento. Com o número de aulas cada vez mais reduzidos, a Geografia perde seu espaço frente à disciplinas como Português e Matemática, além disso, enquanto não houver uma renovação no sistema de ensino como um todo o objetivo desta ciência pouco será alcançado.

2.2 RENOVAÇÕES NO ENSINO DE GEOGRAFIA: A NECESSIDADE DE ROMPER COM PRÁTICAS TRADICIONAIS

Como visto no tópico anterior, o ensino de Geografia vem sofrendo grandes renovações ao longo de sua trajetória, entretanto, não é raro encontrar professores com dificuldade em levar essas mudanças para a sala de aula, conforme afirma Albuquerque (2011, p. 16) “problemas metodológicos [como] conteúdos descritivos, método mnemônico, nomenclaturas como conteúdos, se repetem historicamente, são continuidades que teimam em permanecer nas salas de aulas de Geografia”. Esses problemas têm início, muitas vezes, na formação que os professores recebem, a qual se dá através de práticas pedagógicas tradicionais e pouco eficazes na própria graduação, ao passo que quando assumem uma sala de aula, os licenciados não conseguem elaborar metodologias inovadoras que despertem no aluno habilidades e competências necessárias para o desenvolvimento da cidadania. Albuquerque (2011, p. 26) ainda nos aponta que:

[...] a baixa qualidade da formação dos professores de Geografia é uma realidade encontrada em praticamente todos os estados brasileiros. Ela também se configura com um dos fatores responsáveis pelo distanciamento entre teoria e prática. Para agravar ainda mais a situação atual, os projetos de formação continuada, quando existem, são oferecidos em um curto espaço de tempo e não permitem um acompanhamento sistemático das práticas em sala de aula, de modo que não têm levado professores a reverem e reelaborarem seus propósitos metodológicos.

Este é um dos motivos que colabora com a permanência da Geografia no ensino tradicional, o qual muitos associam apenas a utilização do livro didático, a transmissão de conteúdos de forma mecânica e repetitiva e a exercícios com respostas prontas, entretanto, o uso de recursos mais dinâmicos como data-show, filmes, internet, auxiliam no processo metodológico, mas nem sempre tornam a prática inovadora.

O ensino tradicional não tem a ver apenas com o uso das tecnologias, mas sim com a forma como o conteúdo é abordado pelo(a) professor(a) e apresentado aos alunos, este está associado a uma escola tradicional e uma concepção de educação tradicional cujo objetivo é, segundo Azevedo (2016, p. 268), “passar o conteúdo sem sentido para a vida do aluno, de forma descontextualizada, e isso pode ser feito tanto com instrumentos tradicionais como também com as novas tecnologias” essa prática é herança do método positivista para este, como afirma Straforini (2001, p. 29), “os estudos devem restringir-se aos aspectos visíveis do real, mensuráveis e palpáveis” como consequência temos um ensino enciclopédico,

meramente descritivo, que deixa de lado as relações sociais e a construção do espaço. Essa prática se torna cada vez mais cansativa e sem estímulos para ambos, educando e educador. Sobre isso, Aguiar (2016, p. 17) afirma que:

A prática dos professores, geralmente, consiste em utilizar certos recursos didáticos ou exercícios para chamar a atenção dos alunos, mas, não havendo articulação entre os recursos didáticos, o conteúdo e o conceito, a aula não passará de mera tarefa através da qual o aluno tenta chegar a um conceito preestabelecido pelo professor, assumindo o aluno, dessa forma, a posição de indivíduo passivo em sala de aula.

Com base nessas observações, percebi que para mudar essa realidade é necessário pensar no ensino como um processo de construção e associação de conhecimentos em que a vivência do aluno precisa ser considerada, mas para isso primeiro, como afirma Straforini (2001, p. 69), “é preciso romper com a estaticidade, a fragmentação e a neutralidade da Educação Tradicional”. O autor acrescenta que para que esse objetivo seja alcançado é preciso que a Geografia alie-se à teoria construtivista já “que ambas se instauram no âmbito educacional, marcadas pela ruptura com o tradicional e, dessa forma, a visão crítica da Geografia defende o ensino fundamentado na valorização dos conhecimentos prévios do aluno e da realidade do tempo e do espaço geográfico” (FERNANDES; GEBRAN, 2010, p. 259). Posto isto, é preciso que em seu processo de aprendizagem o aluno associe as novas informações e conteúdos expostos em sala de aula com o conhecimento adquiridos com outras disciplinas e em sua própria vivência, para isso é necessário que o professor aproxime seu ensino com realidade de seu alunado. Sobre isso, Cavalcanti acrescenta ao que foi posto por Kaercher:

Os conceitos e vivências espaciais (geográficas) são importantes, fazem parte de nossa vida a toda instante. Em outras palavras: Geografia não é só o que está no livro ou o que o professor fala. Você a faz diariamente. Ao vir para a escola a pé, de carro ou de ônibus, por exemplo, você mapeou, na sua cabeça, o trajeto. Em outras palavras: o homem faz Geografia desde sempre. (KAERCHER, apud CAVALCANTI, 2012, p. 47).

Através dessa perspectiva constatei que o professor tem um papel fundamental neste processo de ruptura com o ensino tradicional, cabe a ele desenvolver nos alunos a capacidade de compreender, observar, analisar e interpretar de forma mais ampla o espaço no qual eles estão inseridos possibilitando-os a interferir, de maneira mais consciente, na sua realidade tendo em vista suas transformações. Este deve buscar atividades que estimulem o aluno a construir seu próprio conhecimento e não apenas a memorização por meio de um ato mecânico. Freire (1999, p.43) afirma que “o professor de Geografia precisa cada vez mais

estar à frente do seu tempo, possuir qualificação e dinamicidade em sala de aula, tendo consciência de que é a peça chave para que seus alunos compreendam o espaço geográfico e suas relações”. O docente deve estar atento e de certa forma engajado a manusear as novas técnicas, buscar assuntos nos quais os alunos tenham interesse, podendo propor que eles tragam os assuntos mais comentados nas redes para que assim os conteúdos expostos em sala de aula não estejam tão deslocados da realidade dos seus estudantes para que as aulas se tornem mais atraentes. Sobre isso, Mercado (1999, p. 27) coloca que:

As novas tecnologias criam novas chances de reformular as relações entre alunos e professores e de rever a relação da escola com o meio social, ao diversificar os espaços de construção do conhecimento, ao revolucionar os processos e metodologias de aprendizagem, permitindo à escola um novo diálogo com os indivíduos e com o mundo.

Para isto, o professor deve estar ciente da necessidade de ter suas aulas sempre bem planejadas e de sua responsabilidade em levar a sala de aula práticas diversificadas, de acordo com as particularidades de cada turma, o que desencadeará um processo de motivação da mesma. Relacionado a isso Kimura (2001, p. 26) fala que:

[...] a Geografia constitui-se em um campo fértil de oportunidades para experimentar de maneira muito rica e estimulante várias habilidades e, desta forma, possibilitar ao aluno desenvolver competências criativas de percepção e cognição a serem incorporadas ao seu crescimento.

Através desta perspectiva surge a necessidade de ensinar Geografia de forma interdisciplinar, pois ela sozinha não conseguirá desenvolver cidadãos críticos e conscientes capazes de atuarem e transformarem sua realidade, pois segundo Souza e Chiapetti “como interdisciplinar, o ensino de Geografia torna-se um espaço de interação, integração e compartilhamento de competências e saberes” (2007, p. 235). Junto com as demais disciplinas ela favorece o processo de alfabetização do aluno e o ajuda a aprender a ler e escrever o espaço onde ele está inserido desenvolvendo assim segundo Pontuschka (2009, p 16) uma:

[...] prática pedagógica que, partindo da realidade local e levando a visão obtida para o interior da escola, estude os problemas e possibilidades dessas realidades à luz das várias disciplinas escolares, para entender a realização entre seus elementos e proporcionar o conhecimento sobre ela em perspectivas mais amplas e profundas.

Partindo desse pressuposto, entendo que é através do ensino, ou seja, das formas metodológicas de ensinar, que o professor de Geografia cumprirá sua função política e social,

de levar seus alunos a compreender o espaço geográfico no qual estão inseridos, em um período em que esse objetivo se faz cada vez mais urgente. Deste modo, o ensino de Geografia deve atender as necessidades individuais e ao meio social permitindo ao aluno educar-se num processo ativo dos conteúdos levando-os a adquirirem capacidades mentais seja no exercício e verificação em classe, ou seja, no cotidiano. À vista disso os autores, Quintão e Albuquerque (2009, p. 2), afirmam que só:

Por meio de uma participação mais plena no ensino da Geografia por parte do professor é provável que haja um melhor aproveitamento no conhecimento do espaço geográfico, o que implicará nas perspectivas desses alunos serem mais aplicados e satisfeitos por estudar a Geografia de forma mais voltada para conscientização dos educandos.

Sendo assim, acredito que ensinar Geografia é buscar inovações, ou algo que estimule o aluno em conhecer o mundo que o cerca de uma forma prazerosa e dentro da realidade em que vive, é levá-lo a compreender como, porque e onde os agentes sociais se manifestam mais fortemente e influenciam outros agentes interagindo e agregando seus conhecimentos prévios, hábitos culturais, políticos, sociais, e o meio de vivência ao conteúdo proposto pelo livro didático. Para Souza e Chiapetti (2007, p. 228):

O ensino da Geografia pode atuar em todas as capacidades e competências a serem exploradas e consolidadas através da educação. Pode favorecer ao aluno a tomada de consciência de si mesmo e do mundo que o rodeia, e crítica suficiente para ir construindo e desenvolvendo o conhecimento, de modo a adquirir autonomia de pensamento, para um desenvolvimento completo de sua cidadania.

Portanto, pude perceber que aprender Geografia não pode ser um ato mecânico, resumido ao ato de informar, no qual o professor dá atividades e o aluno realiza. Aguiar (2016 p.29), afirma que “trata-se antes de um processo complexo, envolvendo fatores diversos, tais como culturas, individualidade entre outros”, ou seja, tem que ser um ato muito mais profundo, estimulando constantemente discussões, debates, reflexões e contribuindo assim, para a construção de um aluno pensante, crítico. Isto posto, compreendo que a Geografia oferece, de maneira direta e indireta, contribuições para que professores e alunos enriqueçam suas representações sociais e seus conhecimentos sobre as múltiplas dimensões da realidade social, natural e histórica, entendendo melhor o mundo em seu processo ininterrupto.

3 UM OLHAR ACERCA DA GEOGRAFIA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A Geografia escolar, nos anos finais do ensino fundamental, é importante para que os sujeitos sociais, em aprendizagem, desenvolvam-se como cidadãos pensantes, críticos e atuantes na sociedade, pois vê-se no ensino desta disciplina a oportunidade de entender melhor o mundo de uma escala local para uma escala global.

O 6º ano é o período em que os alunos vivenciam constantes mudanças, tendo em vista que nos anos anteriores de vida escolar um professor só ministrava várias disciplinas e agora eles se deparam com vários professores, cada um na sua área específica essa transição permite uma intimidade maior do aluno com a Geografia, pois estes passam a ter um contato mais direto com a especialidade. Neste contexto, o ensino desta disciplina, neste período, se destaca entre outras ciências como componente curricular que permite às crianças iniciar o processo de compreensão das modificações ocorridas no espaço social no qual estão inseridas.

Posto isto, neste capítulo trago uma reflexão sobre o ensino de Geografia nas séries finais do Ensino Fundamental, com enfoque no 6º ano, analisando a importância desse componente curricular para essa fase de escolaridade, tendo em vista que a compreensão dessa ciência possibilita ao aluno uma leitura de mundo, bem como da vida e do espaço vivido.

3.1 A GEOGRAFIA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Os anos finais do ensino fundamental, formado pelas turmas do 6º ao 9º ano, têm como finalidade assegurar aos alunos uma formação voltada para o exercício da cidadania. Como afirma a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB):

O ensino fundamental compõe, juntamente com a educação infantil e o ensino médio, o que a Lei Federal nº 9.394, de 1996 — nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional —, nomeia como educação básica e que tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores (BRASIL, 2005, p.14).

Partindo desse pressuposto, é papel da Geografia nos anos finais do ensino fundamental, “estudar as relações entre o processo histórico na formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza por meio da leitura do lugar, do território, a partir de

sua paisagem” (BRASIL, 1998, p. 26), ou seja, explicar como a sociedade se apropria da natureza. Neste sentido os conteúdos curriculares dessa disciplina devem auxiliar os alunos na construção de um pensamento crítico e reflexivo e promover a difusão dos valores fundamentais à vida em sociedade, além de desenvolver sua capacidade de observar, analisar e interpretar as transformações no espaço geográfico como afirma os PCN:

[...]o ensino da Geografia pode e deve ter como objetivo mostrar ao aluno que cidadania é também o sentimento de pertencer a uma realidade na qual as relações entre a sociedade e a natureza formam um todo integrado — constantemente em transformação — do qual ele faz parte e, portanto, precisa conhecer e sentir-se como membro participante, afetivamente ligado, responsável e comprometido historicamente (BRASIL, 1998, p. 76).

Desse modo, os Parâmetros Curriculares Nacionais mostram que, o ensino de Geografia nos 3º e 4º ciclos do Fundamental tem em suas mãos um leque de conteúdos abrangendo temáticas variadas e tem como objetivo levar os alunos a compreenderem de forma mais ampla a realidade, possibilitando que nela interfiram de maneira mais consciente e propositiva, consigam sistematizar seus próprios conhecimentos geográficos e ainda fazer uso desses ao manter um diálogo com outras disciplinas. Ainda segundo os PCN:

O estudo de Geografia possibilita, aos alunos, a compreensão de sua posição no conjunto das relações da sociedade com a natureza; como e por que suas ações, individuais ou coletivas, em relação aos valores humanos ou à natureza, têm conseqüências — tanto para si como para a sociedade. Permite também que adquiram conhecimentos para compreender as diferentes relações que são estabelecidas na construção do espaço geográfico no qual se encontram inseridos, tanto em nível local como mundial, e perceber a importância de uma atitude de solidariedade e de comprometimento com o destino das futuras gerações. Além disso, seus objetos de estudo e métodos possibilitam que compreendam os avanços na tecnologia, nas ciências e nas artes como resultantes de trabalho e experiência coletivos da humanidade, de erros e acertos nos âmbitos da política e da ciência, por vezes permeados de uma visão utilitarista e imediatista do uso da natureza e dos bens econômicos (BRASIL, 1998, p. 76).

Posto isso, percebo que no decorrer dos quatro anos do ensino fundamental II é papel da Geografia motivar os alunos a ampliarem seu conhecimento geográfico através de seu cotidiano e correlacioná-los com o que é visto e sala de aula, ou seja, permitir a construção de um conhecimento teórico e prático, oferecendo um ensino que leve o estudante a reconhecer as diferentes alterações espaciais resultantes da interação homem, sociedade e natureza, percebendo-se como sujeito ativo nessas transformações.

Para isto é necessário que a Geografia leve o discente a construir um conhecimento local para posteriormente ampliá-lo a um conhecimento global o que torna a disciplina desafiadora, visto que as mudanças ocorridas no espaço estão cada vez mais complexas.

3.2 O PAPEL DA GEOGRAFIA NO 6º ANO

O 6º ano é um momento de transição escolar no qual o aluno inicia uma nova vida estudantil, o que caracteriza em novas exigências, como a mudança de um professor polivalente para diversos professores especialistas de diferentes componentes curriculares, essa etapa exige que os alunos sejam mais independentes. Segundo Hauser (2007, p. 15) essa mudança da organização escolar:

[...] da unidocência para pluridocência em si é um aspecto que requer do aluno uma adaptação mais ou menos imediata, já que ele estará às voltas com muitos professores entrando e saindo da sala de aula no intervalo médio de cinquenta minutos. E cedo perceberá que cada um desses profissionais tem personalidades distintas.

Compreendo através do que foi posto pela autora que esse momento representa novos desafios para os alunos, que ficam confusos, muitas vezes sem saber como lidar com esta passagem abrupta e, segundo Hauser (2007) ao mesmo tempo em que simboliza o desejo de crescer, de lutar por uma nova identidade e expectativa social, faz com que o aluno tenha que lidar com a dor que esse crescimento pode trazer. Ao entrar no 6º ano, o espaço escolar assume vários significados para esse aluno passando uma ideia de desorganização que persiste até ele se adaptar à nova rotina.

Além disso, os estudantes que ingressam essa fase educacional normalmente são oriundos de outras escolas e por este motivo os níveis de aprendizado são bastante heterogêneos o que requer uma atenção especial do professor, segundo Leite (1999) as ações docentes devem ser guiadas pelos objetivos que se pretende alcançar nesta série. Sendo assim, cabe aos professores organizarem e orientarem suas práticas em função do comportamento desses alunos. É necessário que o professor faça um diagnóstico prévio do nível de preparo dos alunos, levando em conta não só o intelectual, mas também o emocional, já que a desorganização emocional pode influenciar na aprendizagem, e a partir daí estabelecer os métodos e recursos adequados para um bom desenvolvimento das suas aulas para que assim, como afirma Mansutti (*et al* 2007, p. 29), o docente possa “criar condições para que os alunos aprendam a estudar e sejam cada vez mais capazes de fazê-lo com autonomia”

Nessa perspectiva entendo o 6º ano como o momento no qual o aluno começa a aumentar a formação de relações, sentidos e significados no processo ensino-aprendizagem, ficando diante de um emaranhado de informações, que precisam ser interpretadas e questionadas. Neste período a disciplina Geografia surge com o objetivo de instigar a reflexão do conjunto de relações sociais que se dá no espaço geográfico. Sobre isso, os PCN esclarecem que:

O aluno que inicia o terceiro ciclo poderá ser orientado a obter maior autonomia em relação ao método da observação, descrição, representação, explicação e compreensão do espaço e suas paisagens, assim como em relação aos diferentes recursos e linguagens com os quais possa obter informações para essa melhor compreensão (BRASIL, 1998 p.52).

Sendo assim, segundo Pereira (2005), este é o momento “de alfabetizar o aluno na leitura do espaço geográfico, em suas diversas escalas e configurações” (p. 151) também é a fase de construir conceitos, utilizando-se das informações da própria realidade, considerando o espaço vivenciado, para que o aluno estabeleça uma relação com o lugar em que vive fazendo com que ele saiba relacionar o que aprendeu com o seu dia-dia. Neste sentido Santos (*et al* 2010, p. 45-46) acrescenta que:

O ensino-aprendizagem de geografia na escola deve, então, contemplar seus conceitos-chave e as representações que os alunos trazem deles e constroem cotidianamente no mundo contemporâneo utilizando os mesmos meios que eles, de modo a proporcionar-lhes a possibilidade de refletir para, assim, poderem intervir na realidade que os cerca.

Deste modo ao ser estudada, a Geografia, tem que considerar o saber e a realidade do aluno, suas vivências, aquilo que é concreto para ele, pois nessa fase os alunos ainda estão desenvolvendo seu raciocínio lógico, para que eles a percebam fora da sala de aula. Esse ciclo deve possibilitar ao discente a elaboração de conceitos científicos e intensificar ainda mais sua compreensão, nos processos envolvidos na construção das paisagens, territórios e lugares. Nesse viés, Callai (2010, p. 17) afirma que o ensino de Geografia:

[...] tem a função de estudar, analisar e buscar explicações para o espaço produzido pela humanidade. Enquanto a matéria de ensino cria as condições para que o aluno se reconheça como sujeito que participa do espaço em que vive e estuda, compreendendo que os fenômenos que ali acontecem são resultado da vida e do trabalho dos homens em sua trajetória de construção da própria sociedade demarcada em seus espaços e tempos.

Portanto, a Geografia no 6º ano, tem o papel de estimular a leitura crítica dos alunos e deve ajudá-los a compreender a complexidade de um mundo em constante mudança promovendo a reflexão e a formação cidadã do aluno.

4 DIAGNÓSTICO DO ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA ANTÔNIO TROVÃO DE MELO

Início este capítulo apresentando a caracterização geral da escola, no qual relata um pouco como é o local em que o estudo foi realizado. Em seguida, exponho uma reflexão sobre as práticas desenvolvidas junto com a turma em análise e as impressões dos alunos acerca do ensino de Geografia. Neste apresento também as principais dificuldades enfrentadas por mim e pelos discentes quanto ao ensino e a aprendizagem desta disciplina. Seus tópicos se desenvolveram por intermédios de questionários que resultou na construção de tabelas e gráficos e através do relato da minha experiência como professora regente na turma de 6º ano.

4.1 LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O estudo foi realizado na Escola Municipal Antônio Trovão de Melo do município de Caturité-PB.

A escola está situada na zona urbana de Caturité/PB, na rua: João Queiroga S/N e segundo dados do Projeto Político Pedagógico, foi adquirida através de recursos federais, na administração do prefeito constitucional João Fernandes da Silva, sendo inaugurada em dezembro de 1996. Recebeu esse nome em homenagem ao proprietário que doou o terreno onde a escola está localizada funcionando inicialmente com o Ensino Infantil e Fundamental I e no ano seguinte foi implantado o Ensino Fundamental II.

Figura 1- Fachada da Escola



Fonte: Pesquisa da autora, 2017.

No que se refere as suas dependências dispõe de salas de aula, diretoria, sanitários, sala de professores, cozinha, dispensa, biblioteca, sala da coordenação, sala de informática sala de leitura e auditório (em construção). Quanto à área externa, a escola não possui nenhum aspecto que mereça ser destacado.

Figura 2 - Entrada da Escola



Figura 3 - Interior da Escola



Fonte: Pesquisa da autora, 2017.

Figura 4: Interior da Escola (sala dos professores, Secretaria e Diretoria, Banheiro Feminino, Quadro de Avisos e Refeitório).



Fonte: Pesquisa da autora, 2017.

No que concerne ao ensino de Geografia, a escola conta com dois professores da disciplina todos no turno da tarde. Sendo um exclusivamente para os dois 6º anos existentes e o outro para os demais (7º, 8º e 9º).

Figura 5: Turma do 6º da Escola Antônio Trovão



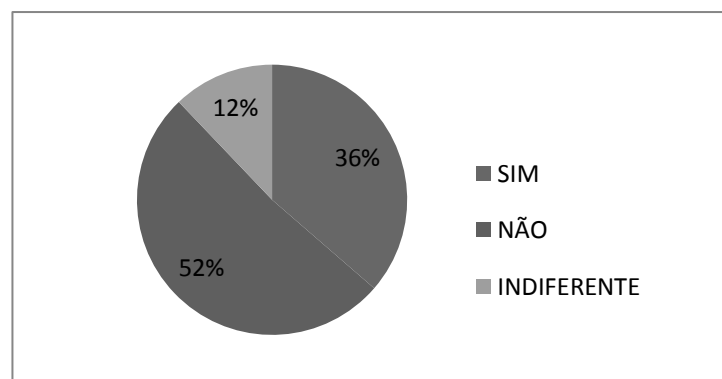
Fonte: Pesquisa da autora, 2017.

4.2 ANÁLISE DA OPINIÃO DOS ALUNOS EM RELAÇÃO AO ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA ANTÔNIO TROVÃO DE MELO

Nesta parte da pesquisa busquei conhecer a opinião dos alunos em relação ao ensino de Geografia. Visando diagnosticar a percepção dos alunos quanto à disciplina, apliquei 33 questionários semiestruturados nas duas turmas de 6º ano existentes na Escola Antônio Trovão de Melo.

O primeiro questionamento foi se os alunos gostavam da disciplina de Geografia (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Você Gosta da Disciplina Geografia?



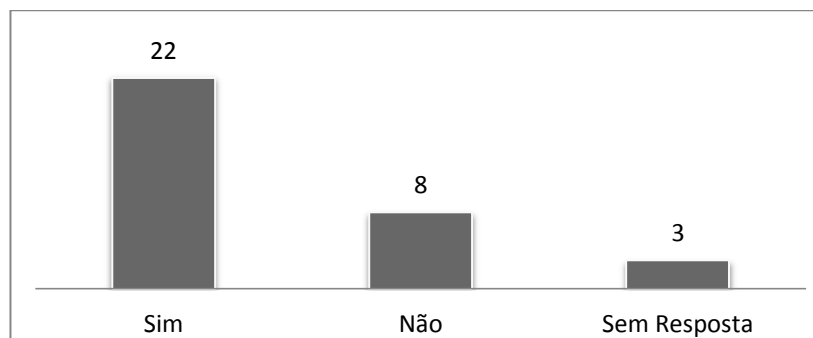
Fonte: Pesquisa da autora, 2017.

Segundo a resposta dos alunos, 36% deles gostam de Geografia, ou seja, simpatizam com a matéria. Cerca de 12% deles são indiferentes. E a grande maioria, 52%, disseram não gostar da disciplina por considerá-la chata e de difícil entendimento, 63% dos alunos afirmam não entender a matéria, segundo alguns deles o motivo é “porque estuda muitos mapas” outros atribuem sua dificuldade ao fato de “não ter uma boa memória”, o que reflete uma postura conservadora da disciplina, alguns alunos consideram a ciência difícil por ser muito abrangente, ou seja, porque nela estuda desde a formação da terra a mapas e gráficos o que para muitos torna a disciplina ruim.

Sendo assim, foi possível observar que para a maior parte dos alunos Geografia é uma disciplina difícil, muito teórica e que, de certa forma, parece ser inútil para eles e tudo isso acaba refletindo nas notas dos estudantes que na maioria estão abaixo da média. Posto isto, pude perceber que toda essa aversão é consequência de um conjunto de fatores, entre eles o meu método de ensino, no qual a leitura, as abordagens verbais e o quadro branco são as principais fontes de apoio, o que torna as aulas muitas vezes enfadonhas e desinteressantes. Entretanto, a falta de recursos não justifica o fato da minha prática não estimular o gosto pela disciplina, é meu papel como professora reverter essa situação, mas nem sempre é possível planejar uma aula em que todos os estudantes estejam dispostos a participar das atividades propostas, principalmente, os de maiores faixas etárias, além disso, os alunos, em sua grande maioria, não têm o hábito da leitura e por isso procuro estimular esse exercício em sala de aula o que não agrada a grande maioria.

Questionei diretamente sobre importância da Geografia em dois momentos. Primeiro foi identificada essa importância em sua formação escolar, 64% dos estudantes responderam “Sim”, ela é necessária para que eles tenham uma boa formação e justificaram que através dela podem entender melhor a realidade em que vivem. 89% dos entrevistados afirmam que os assuntos estudados em sala de aula estão relacionados com a realidade na qual estão inseridos. É perceptível também que muitos alunos acham a disciplina importante, pois ela estuda um pouco de tudo. Cerca de 24% dos alunos tiveram uma resposta negativa a esse questionamento por considerar a disciplina muito ruim e por não entendê-la. O outros 9% deixaram a pergunta sem resposta (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Você considera a Geografia importante na sua formação escola?



Fonte: Pesquisa da autora, 2017.

No segundo momento foi questionado “Como a Geografia se faz presente no dia-a-dia?”, com o objetivo de verificar a compreensão do aluno quanto à importância e função do estudo da Geografia para sua vida cotidiana. Com base neste levantamento, pude compreender os elementos de ligação mais imediatos dos estudantes com a matéria. Cerca de 52% dos alunos, não respondeu à pergunta o que demonstra a dificuldade que os mesmos têm em perceber a utilidade da disciplina fora da sala de aula. Os 48% que responderam levantaram aspectos específicos de localização e orientação, outros foram mais generalistas, falaram sobre o meio ambiente, sobre o clima, a vegetação e o relevo, alguns percebem a utilidade da mesma, apenas nas aulas da própria Geografia outros afirmaram que “Tudo que fazemos é Geografia”.

Com base nestes dados pude perceber que os alunos ainda não conseguem enxergar como transformadores do espaço, com exceção de uma pequena minoria. É perceptível que os estudantes compreendem a Geografia escolar apenas como o estudo da natureza, e se esquecem da parte social, dessa forma, a disciplina é compreendida por fragmentos. A grande maioria, mesmo os que responderam, tem dificuldade em perceberem onde o conhecimento aprendido em sala de aula pode ser utilizado no seu cotidiano. Isso torna seu estudo inútil já que não é utilizado além das paredes da sala de aula.

Em um dos questionamentos propus que os alunos identificassem qual das três alternativas apresentadas melhor se encaixava no objetivo principal da Geografia (Tabela 1).

Tabela 1 - Alternativa que melhor se encaixa com o principal objetivo da Geografia segundo os alunos.

Alternativas	Absoluta	Relativa
(A) APRENDER NOMES DE LUGARES, RIOS, SERRAS, ETC. ATRAVÉS DA MEMORIZAÇÃO.	4	12
(B) LOCALIZAR LUGARES, PAISAGENS ATRAVÉS DA LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE MAPAS.	10	30
(C) CONHECER A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO E O FUNCIONAMENTO DA NATUREZA ATRAVÉS DA INTERAÇÃO, CONSTRUÇÃO E PRODUÇÃO DO TERRITÓRIO, DA PAISAGEM E DO LUGAR.	19	58
Total:	33	100

Fonte: Pesquisa da autora, 2017.

Nesta análise considerei o resultado satisfatório, já que 58% dos alunos conseguiram enxergar conscientemente a alternativa que melhor se encaixa como sendo o principal objetivo da Geografia.

No que diz respeito aos recursos didáticos e a minha metodologia de ensino, a maioria dos alunos afirmou que trabalho a disciplina de forma interdisciplinar. Apesar dos alunos não terem conhecimento do termo, expliquei para eles o seu significado e a partir daí os próprios citaram situações em que as atividades foram trabalhadas junto a outras disciplinas, como por exemplo, a Semana do Meio Ambiente, em que foi trabalhado junto com a disciplina de Ciências e Artes diversos temas como água, lixo, coleta seletiva, entre outros.

Ainda sobre a metodologia, pedi que os alunos sugerissem algumas maneiras que os ajudassem na aprendizagem do conteúdo. As principais sugestões foram: aula de campo, mais filmes, mais jogos e dinâmicas. Por se tratar de uma turma no qual a maioria dos alunos são crianças, menores de 12 anos, essas atividades eram pedidas em sala de aula, entretanto, quando propostas as atividades nem sempre agradava a todos, principalmente os fora de faixa, isso muitas vezes impossibilitava sua prática.

Com relação ao livro didático, os alunos o consideram satisfatório e para eles é a principal fonte de pesquisa para tirar dúvidas e lembrar os assuntos vistos em sala de aula, isso porque o acesso à internet ainda é algo fora do alcance da maioria dos estudantes da Escola Antônio Trovão. Entretanto, observei no decorrer do ano letivo que a grande maioria dos alunos não tem o hábito de estudar em casa, o contato com o livro se fazia apenas em sala de aula, já que os exercícios propostos para casa não eram respondidos.

No que corresponde aos métodos de avaliações a grande maioria, 80% alunos, afirmam gostar da maneira como são avaliados e não sugeriram novos métodos avaliativos. Isto deve-se ao fato dos estudantes estarem acostumados a esta metodologia, a avaliação bimestral (prova), por exemplo, que é obrigatória na escola tendo uma semana toda dedicada a esta atividade.

Quanto à opinião dos alunos sobre a minha atuação como professora, 22 estudantes, uma média de 67%, afirmam que tenho uma postura rígida em sala de aula, apesar disso a grande maioria respondeu “Sim” quando questionado se a professora possui boa comunicação com os alunos, apenas 9% dos entrevistados foram contrários a essa pergunta. Em seguida, propus que os alunos definissem como seria um bom professor, as respostas foram bem semelhantes segundo os discentes um bom professor tem que ser “menos rígido”, “mais legal e brincalhão”, precisa “explicar direitinho” o conteúdo, deve “ensinar as atividades” alguns chegaram a afirmar que o bom professor tem que “deixá-los fazerem o quiserem” e “dar as respostas”.

Tabela 2 - Opinião dos alunos quanto ao tratamento que o professor dá aos conteúdos de Geografia na sala de aula.

Alternativas	Absoluta	Relativa
(A) DÁ MUITA IMPORTÂNCIA E CUMPRE COM AS AULAS RESERVADAS PARA A DISCIPLINA	23	72
(B) DÁ AULAS INTERESSANTES MAS NÃO TRABALHA A DISCIPLINA COM MUITA FREQUÊNCIA	7	22
(C) QUASE NÃO TRABALHA A DISCIPLINA	2	6
Total:	32	100

Fonte: Pesquisa da autora, 2017

A partir dessa análise pude perceber que a minha postura é um pouco intimidadora para os alunos, a maioria oriundos de escolas da zona rural onde o (a) professor (a) polivalente tinha um contato maior tanto com os estudantes como com seus familiares, isso também reflete em seu desempenho escolar. Em contrapartida, quando analiso a opinião dos alunos quanto a ser “um bom professor”, percebo que além de uma postura menos autoritária o professor ideal, na visão dos estudantes, não deve fazê-los pensar ou ter “trabalho”, o que mostra a imaturidade desses estudantes frente ao real papel do docente e do seu próprio papel como discente.

Com base em tudo isto que foi posto ao longo de todo tópico, pude compreender que o baixo interesse e a antipatia dos alunos pela disciplina Geografia reflete em seu desempenho escolar. Sendo assim, essa parte da pesquisa foi primordial para o início da uma mudança na minha postura e prática pedagógica.

4.3 ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA, COMO PROFESSORA REGENTE, DESENVOLVIDA JUNTO A ESCOLA MUNICIPAL ANTÔNIO TROVÃO DE MELO.

A profissão docente, para mim, é muito desafiadora, pois está em constante mudança, além do mais, ser professor é sinônimo de compromisso, responsabilidade e, principalmente, implica no enfrentamento de muitos desafios, estes têm início antes mesmo de adentrarmos a sala de aula, começa no planejamento das aulas e na escolha das práticas didático-pedagógicas. Além disso, como educadores temos o papel de ensinar conteúdos fora da área para a qual fomos preparados, para os quais não tivemos nenhuma capacitação, ademais muitas vezes nos deparando com uma realidade bem diferente da apresentada em nossa formação. Neste contexto Tardif (2010, p. 241) aponta que na:

[...] formação de professores, ensinam-se teorias sociológicas, docimológicas, psicológicas, didáticas, filosóficas, históricas, pedagógicas, etc, que foram concebidas, na maioria das vezes, sem nenhum tipo de relação com o ensino nem com as realidades cotidianas do ofício de professor. Além do mais, [...] a formação para o ensino ainda é enormemente organizada em torno das lógicas disciplinares. Ela funciona por especialização e fragmentação.

Essa distância na relação entre teoria e prática torna o exercício da profissão docente ainda mais complexo e desafiador, tornando necessário uma avaliação crítica e reflexiva por parte do professor de sua própria prática. Nessa perspectiva Tardif (2010, p. 53) afirma que:

A experiência provoca, assim, um efeito de retomada crítica (*retroalimentação*) dos saberes adquiridos antes ou fora da prática profissional. Ela filtra e seleciona os outros saberes, permitindo assim aos professores reverem seus saberes, julgá-los e avaliá-los e, portanto, objetivar um saber formado de todos os saberes retraduzidos e submetidos ao processo de validação constituído pela prática cotidiana.

Diante do que foi posto anteriormente, esta etapa da pesquisa procura enfatizar minha experiência como professora regente das turmas do 6º ano da Escola Antônio Trovão, no ano de 2016, e destacar as dificuldades e imposições enfrentadas ao logo dessa regência. Nessa concepção Pinheiro (2012, p 23-27) coloca que:

A experiência de relatar sua história de vida oferece àquele que a conta uma oportunidade de (re)experimentá-la, ressignificando sua vida. Além disso, estabelece um vínculo entre o pesquisador e o sujeito. O sentido que o sujeito dá para a sua história desperta no pesquisador o repensar da própria história. [...] Falar da própria história de vida, das experiências vivenciadas e acumuladas é um processo reflexivo que leva o sujeito a repensar sobre suas ações no presente e no passado.

Iniciei esta parte da pesquisa a partir da análise da minha prática pedagógica utilizada nas aulas de Geografia da turma em questão. A metodologia empregada nas aulas alterava-se de acordo com a aprendizagem dos alunos já que metodologia, segundo Bolfer (2008, p.160), “é o conjunto de ações, intencionalmente pensadas, para se atingir determinado(s) objetivo(s)”. Apesar de sempre está buscando utilizar recursos didáticos mais diversificados, como o uso de projetores multimídia, filmes, músicas, construção de maquetes, quiz, jogos e outros, as práticas mais utilizadas constituíam ao que chamamos de tradicional, centradas nas aulas expositivas, na utilização do livro didático e nos exercícios intitulados de “memorização”. Estes métodos apesar de considerados tradicionais são, segundo Azevedo (2016, p.268), “instrumentos que devem ser utilizados no processo de ensino-aprendizagem e não ser colocados como culpados pelo fracasso escolar”. Além disso, sempre que possível busquei aliar essas ferramentas e o conteúdo ao cotidiano do aluno.

Com relação ao processo de avaliação os instrumentos que utilizei para identificar a aprendizagem dos estudantes consistiram em avaliações mensais (trabalhos e exercícios individuais ou em grupos, participação na aula e comportamento), bimestrais (avaliações escritas) e recuperação paralela (avaliações escritas, avaliações orais ou trabalhos individuais ou em grupos). Através dos quais foi possível detectar as dificuldades de aprendizagem além de verificar se os alunos estavam conseguindo associar de maneira autônoma o que era visto nas aulas com a sua vivência.

É importante salientar que a avaliação escolar, como acompanhamento do processo de aprendizagem, como afirma Libaneo (1994, p.195), “é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente” e segundo Mansutti (2011, p 102), possui três finalidades básicas “diagnosticar o que está sendo aprendido, promover intervenções para adequar o processo de ensino à efetividade da aprendizagem e avaliar globalmente os resultados ao final do processo para conferir valor ao trabalho realizado”. Através deste processo pude redimensionar minhas práticas pedagógicas na tentativa de melhorar o processo de ensino-aprendizagem.

No decorrer de todo o meu período de atuação docente muitos foram os desafios que enfrentei como professora regente no 6º ano da Escola Antônio Trovão entre eles os principais foram:

- **Os aspectos físicos e políticos da escola:** como falta de recursos, de bibliotecas atualizadas, de laboratórios de informática ativos e com possibilidade de acesso à internet, além de uma boa estrutura nas suas salas para que os recursos sejam expostos e utilizados cotidianamente. Estes aspectos desempenham o papel da gestão organizadora e auxilia o controle do processo de ensino e aprendizagem.
- **Baixo nível de leitura, escrita e interpretação dos alunos:** Ao chegar ao 6º ano a expectativa é de que os alunos estejam plenamente alfabetizados. Entretanto, a grande maioria dos alunos chegam nessa etapa de ensino com sérias dificuldades de leitura, escrita e, principalmente, interpretação, o que compromete o processo de aprendizagem. Nesse contexto, surgem as dúvidas de como trabalhar a Geografia e como proceder diante de fatos como estes, sem comprometer a aprendizagem de ambos os envolvidos, já que não fomos preparados para essa situação em nossa formação.
- **Dependência e falta de estímulo dos alunos:** A grande maioria dos alunos ainda é extremamente dependente do professor e não consegue utilizar seu raciocínio para julgar e criticar algo, precisam que o professor repasse muitas informações e não estão aptos para questioná-las. É necessário a todo instante, motivá-los e sugerir que tomem decisões, que pesquisem por conta própria. Na maioria das vezes os alunos não estão dispostos a tornar prático o conhecimento construído em sala, não querem usar seu raciocínio lógico, querem respostas prontas e objetivas as quais não seja necessário pensar, apenas transcrevê-la de determinada página do livro. A maior parte dos estudantes não está interessada em realmente apreender e não fazem esforço algum para tirar boas notas, ou construir um pensamento crítico.
- **Desinteresse dos alunos:** Na teoria quando se fala em criar metodologias dinâmicas, sempre se culpa o professor por não atingir resultados satisfatórios, entretanto, essa realidade descrita nos livros e textos relacionados ao ensino e aprendizagem de Geografia não se aplica a todas as salas de aulas como afirma Morales (2006, p 34) “sempre podemos pensar que nossos alunos são diferentes, que nossa situação é especial, que as circunstância não são as mesmas”. A sala de aula é formada por mais de 20 alunos que pensam de maneiras distintas e que têm interesses diferentes, cada aluno é um ser único, com comportamentos próprios, sendo assim, nem sempre a metodologia adotada acaba satisfazendo a todos. O problema apresentado aqui

não é o desinteresse de uma forma geral e sim individual. Muitas vezes a falta de interesse de poucos acaba atrapalhando o andamento de toda a aula e prejudicando a aprendizagem dos demais além da desmotivar o professor.

- **Indiferença:** Mesmo com as diferentes tentativas de estimular os alunos em sala de aula, diversas situações denotam a pouca importância que os alunos dão a Geografia esses momentos são caracterizados pela dispersão, pelas conversas paralelas no interior da sala de aula, pela apatia total de alguns alunos que muitas vezes realizam atividades desvinculadas da que está sendo proposta, como desenhos aleatórios nos cadernos, corpo e muitas vezes nas carteiras, leituras de textos ou revistas além de responderem exercícios de outras disciplinas. Ao mesmo tempo, tudo parece mais interessante que a aula seja alguém passando no corredor, um barulho no lado de fora da sala ou alguém que se levanta para ir beber água ou ir ao banheiro.
- **Diversidade etária:** Apesar de se tratar de um ensino regular a diferença etária entre os alunos é muito grande, segundo Saraiva (2014, p. 1) essa “situação de distorção pode ser desencadeada por três fatores principais: a repetência; a entrada tardia na escola e; o abandono e retorno do aluno evadido”. A diversidade etária no 6º ano da escola Antônio Trovão de Melo é bem perceptível, pois é dividida por sala de aula em uma mesma turma se tem alunos de 13 a 18 anos (6º ano A) que vinha de grandes índices de reprovação desde os anos iniciais do fundamental e a outra sala era formada por alunos de idade/série dita como regular (6º ano B). Essa separação foi primordial para observar como os alunos ditos como “fora de faixa” encontram maiores dificuldades para aprender, são bem mais indisciplinados e possuem mais resistências no relacionamento com os professores. Isso dificultou muito na escolha de uma metodologia que atendesse ao interesse de todo o grupo.
- **Não cumprimento das atividades propostas:** Observei ao longo de minha atuação na turma em questão que a maioria dos alunos tinha bastante resistência no cumprimento das tarefas tanto na sala de aula como em casa, menos de 70% dos alunos cumpriam o que era proposto. No processo de aprendizagem tanto o professor como o aluno tem responsabilidades, a atividade didática sugerida pelo docente, qualquer que seja, é uma aliada do aluno, uma vez que é através dela que se pode reforçar o que se aprendeu tirar dúvidas e ampliar os conhecimentos, além disso, elas têm o papel de identificar, individualmente, as dificuldades do aluno para buscar maneiras de saná-las antes de iniciar um novo conteúdo. Além de tudo isso que foi citado, Carvalho (2006, p. 87) afirma que estas ainda ajudam na “construção da independência, autonomia e responsabilidade do estudante através do desenvolvimento de hábitos de estudo e pontualidade”.

- **A falta de participação da família:** Participação familiar é uma necessidade desejada por todos que fazem parte do contexto escolar, no período de atuação e observação das turmas era raro encontrar pais de alunos fora das reuniões bimestrais, é como se a educação familiar não fizesse parte da educação escolar como se fossem coisas distintas, entretanto, uma não pode se desenvolver sem a outra. É a partir da participação da família, tanto nos estudos, como também junto à escola, que nós professores poderemos conhecer a realidade dos alunos e assim ser capazes de contribuir para o crescimento e desenvolvimento do estudante como cidadão. Portanto, a família desenvolve um papel importante e necessário para a educação e não deve abrir mão de sua grande responsabilidade na formação ética e social de seus filhos.
- **A indisciplina e o desrespeito ao professor e aos colegas:** Muitas vezes a escola é vista como um local de confronto ativo para os alunos, um espaço de resistência às novas normas a qual o estudante é submetido. A escola é o lugar onde são feitas amizades, mas também é um espaço onde se desenvolvem conflitos e hostilidades os quais não estamos preparados para resolver.

Todos os itens apontados relatados acima devem ser levados em consideração, pois eles retratam o que acontece em muitas realidades escolares. São questões para as quais não somos preparados em nossa formação. Isto posto, é preciso pensar em uma nova formação docente de acordo com essas incitações, utilizando-se da tecnologia, conhecendo os novos elementos que fazem parte da realidade das crianças, dos jovens e dos adolescentes e proporcionando maneiras de lidar com esses e outros desafios. Além disso, são necessárias grandes mudanças nas políticas educacionais das escolas de todo o país melhorando nossas condições de trabalho, como a valorização profissional e salários mais dignos que permitam uma formação e atualização profissional constante, melhorias na infraestrutura das escolas, um Projeto Político Pedagógico atualizado e conectado ao trabalho em sala de aula e maior acompanhamento por parte das famílias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, analisei a qualidade do processo ensino-aprendizagem na disciplina de Geografia no 6º ano da escola Antônio Trovão de Melo através do meu olhar não só de pesquisadora e professora, mas também de parte da pesquisa. Durante sua realização busquei refletir sobre alguns aspectos referentes à trajetória do ensino de Geografia em que pude observar que esta passou por importantes avanços e também por momentos de retrocessos numa tentativa de adaptação aos diversos contextos de acordo com cada momento da história. Entretanto, apesar de todas as modificações pelas quais essa disciplina passou, ainda prevalece em muitas salas de aula um ensino de modo tradicional, método este que, como foi apresentado nesta pesquisa, não tem a ver apenas com o uso das tecnologias e sim com a forma como são apresentados os conteúdos aos alunos, consequência também do distanciamento entre teoria e prática na formação do professor e dos próprios sistemas educacionais que estão mais preocupados com a quantidade do que com a qualidade.

De fato, são muitos os desafios a serem enfrentados para que haja uma renovação no ensino de Geografia e repensar a própria prática pode ser o ponta pé inicial para se alcançar este objetivo. Neste sentido, esta pesquisa se mostrou relevante ao possibilitar-me um autoconhecimento e despertar-me para a necessidade de renovação na minha prática pedagógica. A escolha do método narrativo teve um papel relevante para isto, pois permitiu apresentar-me não só como sujeito crítico, reflexivo, mas como parte da pesquisa. Através dos questionários aos alunos pude rever minha postura profissional, vista como rígida, e o quanto ela influencia neste processo de aprendizagem já que ao criar uma antipatia pelo professor os alunos muitas vezes transferem esta para a disciplina levando-o a perder o interesse pelas aulas, refletindo no seu desempenho escolar.

Entretanto, como professora, sozinha não sou capaz de transformar o ensino de Geografia da escola Antônio Trovão de Melo, é necessário que haja uma integração entre todos os que a formam, é preciso que os alunos, juntamente com a família, demonstrem interesse e desejem essa transformação, que os demais professores que compõem o corpo docente da escola colaborem na busca pela interdisciplinaridade de ensino e que a escola forneça meios para se alcançar este objetivo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. Século de prática de ensino de Geografia: permanências e mudanças. In: REGO, Nelson. et al. (Orgs.). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Penso, 2011. p. 13–30.

AGUIAR, Waldiney Gomes de. **Didática na geografia: Construindo aulas**. Curitiba: CRV, 2016.

AZEVEDO, Sandra de Castro de. Reflexão acerca da prática na sala de aula em busca do entendimento do processo ensino aprendizagem. In: SOUZA, Hanilton Ribeiro de; PORTUGAL, Jussara Fraga; MEIRELES, Mariana Martins de; OLIVEIRA, Simone Santos de (Orgs.). **Geografia na Sala de Aula: linguagens, conceitos e temas**. Curitiba: CRV, 2016. p. 267-284.

BAHIA, Norinês Panicacci. Metaforizando as narrativas de si: uma arte em prosa. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 02, n. 04, p. 177-191, jan./abr. 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/download/3611/2328>>. Acesso em: 17 ago. 2017

BOLFER, Maura Maria Morais de Oliveira. **Reflexões sobre a prática docente: estudo de caso sobre formação continuada de professores universitários**. 2008. (Tese de Doutorado] Piracicaba: UNIMEP, 2008. 238p.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

CALLAI, Helena Copeti. A Geografia Ensinada: os desafios de uma Educação Geográfica. In: MORAES, Eliana Marta Barbosa de. (org.) **FORMAÇÃO DE PROFESSORES: Conteúdos e metodologias do ensino de geografia**. Goiânia: NEPEG, 2010.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Escola como extensão da família ou família como extensão da escola? O dever de casa e as relações família-escola. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 94-104, abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a08.pdf>> Acesso em: 05 abr. 2017.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e Práticas de Ensino**. Goiânia: Editora Alternativa, 2002.

_____. **O ensino de geografia na escola**. Campinas, SP: Papyrus, 2012. p. 45 – 47.

_____. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papyrus, 1998.

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-Me Agora!: As Narrativas como Alternativas Pedagógicas na Pesquisa e no Ensino. **Revista da Faculdade de Educação**. São Paulo, vol. 23 n. 1-2, Jan./Dec., 1997. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551997000100010#aut1>. Acesso em: 18 ago. 2017.

FERNANDES, Antonio Carlos; GEBRAN, Raimunda Abou. Geografia e prática social: configurações no espaço da escola. **Acta Scientiarum Education**. Maringá, v. 32, n. 2, 2010. p. 255-262. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/viewFile/10126/6424>>. Acesso em: 27 ago. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**, 28ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 21-39, 2002. (Fundação Carlos Chagas).

GEBRAN, Raimunda Abou. **Como o rio não cabia no meu mapa, eu resolvi tirá-lo: o ensino da Geografia nas séries iniciais do 1º grau**. [Dissertação de Mestrado] Campinas: Unicamp, 1990. 272p.

HAUSER, Suelen Domingues Romero. **A transição da 4ª para a 5ª série do Ensino Fundamental: uma revisão bibliográfica (1987-2004)**. [Dissertação de Mestrado] São Paulo: PUC, 2007. 69p.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. São Paulo: Contexto, 2008.

LEITE, Maria Iza Pinto de Amorim. **Méritos e pecados do ciclo no ensino fundamental: análise da implantação do ciclo de aprendizagem nas escolas da rede municipal de Vitória da Conquista-BA**. [Dissertação de Mestrado] São Paulo: PUC, 1999. 272f

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. Cortez Editora: São Paulo, 1994. (Coleção Magistério 2º Grau - Série Formando Professor).

MANSUTTI, Maria Amabile; ZELMANOVITS, Maria Cristina; CARVALHO, Maria do Carmo Brant de; GURIDI, Verónica. Educação na segunda etapa do ensino fundamental. **Cadernos CENPEC**, n. 4, São Paulo: Cenpec, jul.-dez., 2007, p. 7-45. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/handle/11465/831/1723.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 27 de agosto 2017.

MANSUTTI, Maria Amabile. Avaliação Escolar. In: CORTI, Ana Paula . et al. (Orgs.). **Caderno de Reflexões – Jovens de 15 a 17 Anos no Ensino Fundamental**. Brasília: Via Comunicação. 2011.198p

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. **Formação continuada de professores e novas tecnologias**. Maceió: EDUFAL, 1999.

MORALES, Pedro. **Relação professor-aluno: o que é, como se faz**. Edições Loyola: São Paulo, 2006.

MOREIRA, Ruy. **O que é geografia**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

PEREIRA, Diamantino. Geografia escolar: Conteúdos e/ ou objetivos? **Caderno Prudentino de Geografia (27)**. Presidente Prudente: AGB, Dez/2005.

PESSOA, Rodrigo Bezerra. **Um olhar sobre a trajetória da Geografia escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a Geografia atual**. (Dissertação de mestrado). João Pessoa. UFPB, 2007.

PONTUSCHKA, Nídia N.; PAGANELLI, Tomoko I.; CACETE, Núria H. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PINHEIRO, Antonio Carlos. **Lugares de professores: vivência , formação e praticas docentes nos anos iniciais do ensino fundamental**. São Paulo: Porto de Ideias, 2012.

QUINTÃO, Altemar de Figueirêdo Bustorff; ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. Desafios e perspectivas do ensino de geografia no Brasil. **Anais do 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia**. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <[http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT2/tc2%20\(9\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT2/tc2%20(9).pdf)> Acesso em: 17 ago. 2017.

RIBEIRO, Márcio Willyans. Origens da disciplina de Geografia na Europa e seu desenvolvimento no Brasil. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 11, n. 34, set./dez 2011. p. 817-834. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/viewFile/4501/4435>> Acesso em: 15 mai. 2017.

ROCHA, Genilton Odilon Rêgo da. **A trajetória da disciplina geografia no currículo escolar brasileiro (1837-1942)**. [Dissertação de mestrado] PUC: São Paulo, 1996.

ROCHA, Genilton Odilon Rêgo da. Delgado de Carvalho e a orientação Moderna no Ensino de Geografia Escolar Brasileira. **Revista Terra Brasilis – Geografia Disciplina Escolar**. Rio de Janeiro, Jan./jun, n.1, p. 83-109, 2000. Disponível em <<https://terrabrasilis.revues.org/293>> acesso em: 15 mai. 2017.

SANTOS, Milton. Pensar já é uma Ação. **Jornal do Brasil**. São Paulo: 28 de março de 1999, Caderno B, p. 4.

SANTOS, Rosselvelt José; COSTA, Cláudia Lúcia da; e KINN, Marli Graniel. Ensino de Geografia e Novas Linguagens. Escola, IN: **Coleção Explorando O Ensino**: Geografia, Ministério Da Educação. Brasília, 2010. p.43-58.

SARAIVA, Ana Maria Alves. Distorção idade-série. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade; DUARTE, Adriana Cancelli; VIEIRA, Livia Fraga. **Dicionário**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG, 2010. 4p.

SÁTYRO, Natália; SOARES, Sergei. **A infra-estrutura das escolas brasileiras de ensino fundamental: um estudo com base nos censos escolares de 1997 a 2005**. Disponível em <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1752/1/TD_1267.pdf> acesso em: 07 mai. 2017.

SOUZA, Maria Eliane Alves de; CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. O ensino de Geografia como um caminho para o desenvolvimento de competências. In: TRINDADE, Gilmar Alves; CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. (orgs). **Discutindo Geografia: doze razões para se (re) pensar a formação do professor**. Ilhéus: Editus, 2007.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar geografia nas séries iniciais: o desafio da totalidade mundo**. [Dissertação de mestrado] Campinas: UNICAMP, 2001. 150p.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 10^a ed. Petrópolis: Vozes, 2010.